



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XII
COLEGIADO DE PEDAGOGIA

TAMIRIS CARDOSO GOMES

TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA
NOTURNO: ENTRE TRABALHO E FORMAÇÃO

Guanambi
2025

TAMIRIS CARDOSO GOMES

TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA
NOTURNO: ENTRE TRABALHO E FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, *Campus* XII-Guanambi, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Dra. Anna Donato Gomes Teixeira

Linha de pesquisa: Avaliação,
Planejamento e Desigualdades
Educativas

Guanambi
2025

TAMIRIS CARDOSO GOMES

TRAJETÓRIA DE JOVENS ESTUDANTES NO CURSO DE PEDAGOGIA
NOTURNO: ENTRE TRABALHO E FORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, *Campus XII-Guanambi*, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Prof^a Dra. Anna Donato Gomes Teixeira (Orientadora)
Departamento de Educação – *Campus XII -UNEB*

Prof^a Dra. Edilma Cotrim da Silva (Examinadora 1)
Departamento de Educação – *Campus XII -UNEB*

Prof^o Dr. José Aparecido Alves Pereira (Examinador 2)
Departamento de Educação – *Campus XII -UNEB*

Guanambi
2025

Dedico esse trabalho, a Tamiris cheia de sonhos que nunca desistiu de nada e sempre conquistou tudo que desejou. A Deus, por ter sido tudo nesse longo caminho. A minha mãe Elita, meu pai José, minhas irmãs Keli e Ceane, meu sobrinho Caio, por fazer desse momento tão especial e por sempre acreditarem em mim. Aos amigos que fiz durante essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus que me abençoou e protegeu durante toda essa caminhada. Ele que em nenhum momento se fez ausente, soube de todas as minhas lamentações, meus medos e sonho. Nesses 4 anos e meio de estrada foi meus olhos e ouvidos dentro de um ônibus. Sou grata por tanta fé que me proporcionou, e de todas as vezes em que pensei que era incapaz me demonstrou ao contrário.

Sou imensamente grata ao meu alicerce, o pilar principal da minha vida a minha família. Meu pai José, para os conhecidos Bagaceira, mas para mim carinhosamente paim, tenho tanto orgulho de tê-lo como pai, nunca duvidou dos meus sonhos, alguém que ensinou o valor do trabalho desde cedo, o caminho honesto que sempre será o mais difícil. A minha mãe Elita, mas conhecida como Dega, para mim mainha, sou grata pelas vezes que orou por mim nas viagens, em épocas de chuva, pelas noites que não dormiu por mim, por ter acreditado no meu sonho e de maneira nenhuma me deixar desistir. As minhas irmãs, Keli e Ceane, por sempre serem mais, nunca me desampararam, sou tão grata pela comida sempre quentinha para mim que não tenho tempo para fazer, pela tanta paciência nos meus momentos de sobrecarrego, pelas vezes que sonhei tão alto e vocês me deram asas para voar.

Meu carinho especial para a Tamiris de 10 anos atrás, que estava sem sonho em que nunca imaginaria de estar onde estou hoje. Foi um processo logo, difícil, mas no fim sempre consegui. Sou grata por toda evolução que tive até aqui, a minha esperança, persistência, meus erros que se tornaram aprendizagem.

Sou grata por fazer parte do Departamento de Educação *Campus XII*, pela oportunidade de fazer parte dessa família. Aos professores por toda a aprendizagem durante esse percurso. Em especial a minha orientadora Anna Donato, por todo conhecimento, dedicação, paciência e puxões de orelha, durante esse percurso, ela me ensinou a gostar de um lado meu que ainda não tinha despertado: a pesquisa.

Sou grata a minha mãezinha Nossa Senhora Aparecida, ela que me ouviu, me viu derramar lágrimas, me abraçou e protegeu quando sentia tanto medo, com te amo mãe, obrigada por nunca me abandonar.

Dedico aqui um carinho especial aos meus colegas de turma, aos amigos de verdade que fiz durante essa trajetória. Que possamos a partir de agora continuar

sonhando mesmo distante, sem medo de errar. Que nossos caminhos sejam brilhantes e fortes como fomos durante todo o curso.

Tamiris Cardoso Gomes

*Deus NÃO está preparando
algo para você,
Ele está preparando VOCÊ
para receber algo que já está
preparado.
(Autor desconhecido)*

RESUMO

O presente trabalho ampliar a análise as trajetórias de jovens estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia noturno matriculados na Departamento de Educação *Campus XII /UNEB*, ingressos no ano de 2023 que conciliam trabalho e formação. A pesquisa buscou compreender como o trabalho interfere nas suas vivências universitárias e nas expectativas de futuro. A metodologia adotada foi qualitativa, com revisão bibliográfica e aplicação de um questionário com 15 estudantes trabalhadores ingressantes em 2023 no ano de 2025. O estudo revelou que para a maioria dos estudantes o trabalho é essencial para garantir a permanência na universidade, mas também representa um desafio, pois há uma dificuldade para conciliar o trabalho e estudo sendo elas: sobrecarga física, mental e pouco tempo para as atividades acadêmicas. Além disso, a maioria dos entrevistados não tem acesso a bolsas ou programas de apoio, ademais não conseguem ter uma participação ativa em eventos, atividades complementares pela carga horária de trabalho. Os dados revelam a necessidade de políticas públicas para esses estudantes que garantam o direito à permanência no ensino superior, especialmente no turno noturno.

PALAVRAS-CHAVE: Estudantes trabalhadores; educação superior; Curso de Pedagogia; Trajetórias de jovens; UNEB;

ABSTRACT

The present work expands the analysis of the trajectories of young working students on the evening Pedagogy course enrolled at the Department of Education *Campus XII* /UNEB, enrolled in the year 2023 who combine work and training. The research sought to understand how work interferes with their university experiences and future expectations. The methodology adopted was qualitative, with a bibliographical review and application of a new questionnaire with working students entering in 2023 in the year 2025. The study revealed that for the majority of students, work is essential to guarantee their permanence at university, but it also represents a challenge, due to the difficulty in reconciling work and study, namely: physical and mental overload and little time for academic activities. Furthermore, the majority of interviewees do not have access to scholarships or support programs, and are also unable to actively participate in events or complementary activities due to their workload. The data reveal the need for public policies for these students that guarantee the right to remain in higher education, especially during the night shift.

KEYWORDS: Working students; higher education; Pedagogy Course; Trajectories of young people.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1: Localização dos <i>Campi</i> da UNEB.....	18
Quadro 1: Situação de trabalho em relação a cor dos estudantes.....	31
Quadro 2: Afiliação religiosa dos estudantes.....	32
Quadro 3: Município de residência dos estudantes.....	32
Quadro 4: Gênero e situação de trabalho dos estudantes.....	32
Quadro 5: Renda familiar dos estudantes.....	33
Quadro 6: Expectativas de futuro dos estudantes.....	34
Quadro 7: Estudantes de pedagogia segundo suas idades, horas trabalhadas, salário motivação para trabalhar, função e identificação com a função.....	35

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EAD	Educação à Distância
ENAD	Exame Nacional de Desempenho Dos Estudantes
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
NAAP	Núcleo de Apoio e Acompanhamento Psicopedagógico
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
SISU	Sistema de Seleção Unificada
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ENSINO SUPERIOR NOTURNO NO BRASIL: ACESSO, PERMANÊNCIA E QUALIDADE	15
1.1 Contexto histórico do Ensino Superior no Brasil	15
1.2 Ensino superior na UNEB/ Campus XII	18
1.3 O curso de Pedagogia na UNEB/ Campus XII	20
2 TRAJETÓRIAS DE JOVENS NA UNIVERSIDADE: ENTRE TRABALHO E FORMAÇÃO	22
2.1 Conceito de juventude e condição juvenil	22
2.2 Dificuldades para conciliar trabalho e estudo	24
2.4 Políticas pública de permanência na universidade	28
3 QUEM SÃO OS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO DA UNEB/ Campus XII	30
3.1 Perfil dos estudantes ingressos no curso de Pedagogia Noturno em 2023	30
3.2 Trajetórias na universidade dos estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia	35
3.2.1 Vantagens e desvantagens de trabalhar e estudar	38
3.2.2 Desafios para conciliar de trabalhar e estudar	40
3.2.3 Universidade: acolhe ou exclui?	42
3.2.4 Expectativas de futuro dos estudantes	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
APENDICE	51

INTRODUÇÃO

A escolha pelo curso de Pedagogia na modalidade noturna torna-se uma escolha estratégica sobretudo para jovens que almejam estudar e trabalhar ao mesmo tempo, bem como assumir outras responsabilidades conciliáveis. No panorama brasileiro, de acordo com o Censo de Educação Superior (INEP, 2023), houve um aumento significativo de 8%, no ano de 2023, nas matrículas no turno noturno (54%) em relação ao diurno (46%). Ainda de acordo como o Censo de 2023, o curso de Pedagogia segue como portador do maior número de matrículas em relação aos outros cursos; no ano de 2023, recebeu 852.476 matrículas sendo 162.813 da rede pública e 689.663 da rede privada.

Dado que o mercado de trabalho tem exigido, cada vez mais, qualificação e flexibilidade, a escolha pela modalidade noturna não só possibilita o acesso ao ensino superior, mas também pode propiciar uma formação adequada às necessidades de quem deve equilibrar diversas demandas. Com o aumento de vagas na modalidade de Educação à Distância (EaD), faz com que jovens migrem para esse tipo de ensino motivados pelo número de vagas ofertadas como também pela flexibilidade de horário. Importa ressaltar que o crescimento da modalidade de ensino EaD causa preocupação para o Ministério da Educação. Uma notícia publicada no site oficial do MEC¹, em maio de 2025, disponibilizou informações sobre a nova Política de Educação à Distância do governo federal, proibindo 100% cursos online para formação de professores e profissionais da saúde. No formato semipresencial deverá ter no mínimo 70% de carga horária cumprida de forma presencial (Brasil, 2025).

Cursar a graduação em Pedagogia no período noturno traz singularidades em comparação ao período diurno. A necessidade de conciliar trabalho e estudo, família, distância pode impactar negativamente o processo das experiências acadêmicas e formativas de universitários e universitárias. Nesse sentido, na análise de trajetórias juvenis deve-se dar atenção à inter-relação entre trabalho e a experiência acadêmica, contudo, não se deve dispor somente a compreensão dos obstáculos que os jovens estudantes universitários enfrentam, mas as ações que eles estabelecem para superá-los durante toda a trajetória.

¹ <https://portal.mec.gov.br/>

Sou uma estudante trabalhadora e considero que a minha condição de estudante trabalhadora influenciou diretamente nas minhas escolhas durante a vida acadêmica, além disso sempre ouvi os anseios dos meus colegas, amigos, jovens que já passaram por essa trajetória de escolha entre o trabalho e os estudos. Ademais, durante o percurso acadêmico mudava minhas expectativas no decorrer do curso, por não me identificar tanto com algumas áreas da Pedagogia. Em 2023, inseri na Iniciação Científica, desenvolvendo um cujo objetivo era analisar os perfis dos jovens estudantes dos cursos de graduação em Pedagogia, Direito e Administração, ingressos em 2023. Durante a pesquisa percebi que os jovens estudantes dos três cursos, em sua maioria, praticam alguma atividade laboral, e por isso buscam cursos no período noturno. Diante dos resultados, desejei dar continuidade ao tema no trabalho de TCC, fazendo um aprofundamento com os jovens estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia noturno.

A realização deste trabalho de conclusão de curso me possibilitou falar sobre minha própria trajetória enquanto trabalhadora-estudante. Ler e comentar sobre desafios enfrentados nas pesquisas, e refletir sobre os meus próprios desafios que enfrento diariamente. Cansaço, sono, conciliação entre trabalho e estudo, não poder viver a universidade ter uma participação ativa nela.

Ser uma trabalhadora-estudante é saber que todos os dias têm um desafio novo para enfrentar. Escrever sobre o tema e saber que estou dando voz a uma parcela tão grande e ao mesmo tempo tão esquecida dentro das instituições de ensino, descrevendo o que sentimos quando não somos ouvidos, e quando somos excluídos.

Minha esperança é que os resultados do trabalho não passem apenas de dados, mas sejam esperanças para os próximos estudantes-trabalhadores, trabalhadores-estudantes que irão adentrar às universidades nos próximos anos. Que inspirem políticas públicas para aqueles que não tenham acesso a ela. Nessa jornada, me recordo de não ter tempo de ler textos, a falta de tempo para entregar os trabalhos ou estudar para seminários. Quase perdi o ônibus várias e várias vezes por sair tarde demais do trabalho. Durante esse percurso, a falta de compressão de muitos professores e da coordenação foi constante, principalmente nos estágios, pois a maioria são feitos na cidade da universidade e moro em outra cidade. Perdi boa parte das atividades complementares que ocorreram, por serem no período diurno.

Esse é um trabalho oriundo de uma pesquisa de Iniciação Científica, finalizada em agosto de 2024, cujo objetivo era analisar os perfis dos jovens estudantes dos

cursos de graduação em Pedagogia, Direito e Administração, ingressos em 2023 na UNEB *Campus XII*. A pesquisa apontou que muitos estudantes, especialmente da Pedagogia, eram trabalhadores. O dado despertou o interesse para um estudo mais aprofundado com estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia do turno noturno, pois faço parte desse grupo.

Ademais é uma pesquisa de relevância, pois não há muitos trabalhos com o tema, é importante ressaltar que já há uma pesquisa no Departamento de Educação *Campus XIII/ UNEB*, de Alves e Teixeira (2024), em que aborda nuances distintas na inserção no mundo do trabalho de jovens negros/as que cursam Pedagogia nos turnos noturno e matutino.

Portanto, o presente estudo se propõe a ampliar a análise de trajetória de jovens graduandos no curso de Pedagogia noturno, com o foco na relação entre trabalho e formação, com a seguinte problemática: Qual a influência do trabalho na organização das trajetórias de graduandos que ingressam no curso de Pedagogia noturno? Essa pesquisa permitirá não só identificar as principais razões que levam os estudantes a optarem pelo turno noturno, mas também compreender como a jornada de trabalho influencia suas escolhas educacionais, bem como suas expectativas em relação ao curso.

Este trabalho tem como objetivo de analisar o perfil e as trajetórias de jovens estudantes do curso de pedagogia noturno nas suas relações entre trabalho, formação e expectativa de futuro. Para tal, buscou-se descrever o perfil dos estudantes trabalhadores ingressantes no curso de Pedagogia noturno em 2023, analisar a relação entre trabalho e formação nas trajetórias universitárias, e analisar as expectativas de futuro desses estudantes.

O estudo é de abordagem qualitativa, que, segundo Guerra (2014), busca compreender em complexidade os fenômenos sociais a partir das concepções dos próprios sujeitos envolvidos, ao valorizar o significado que eles atribuem às suas experiências. Distinta das pesquisas quantitativas, não há uma preocupação com dados numéricos ou generalizações estatísticas, mas sim com a interpretação do contexto e das ações humanas de forma mais sensível e contextualizada, sem buscar relações lineares de causa e efeito.

Assim sendo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório, tendo como fontes de consulta o Google Acadêmico e a SciELO, com o objetivo de enriquecer a análise ao longo do estudo. Para este levantamento foram utilizados os

seguintes descritores: juventude+ universidade; jovens estudantes + ensino superior; trajetórias+ estudantes trabalhadores; Universidade e trabalho + Jovens estudantes; juventude + trabalho+ universidade; e teve como critério, os textos publicados nos últimos 10 anos.

Em seguida, procedeu-se uma busca no banco de dados construído em 2023 a partir de um questionário aplicado a todos os estudantes que ingressaram na UNEB *Campus XII* em 2023. O foco de interesse era mapear o perfil dos estudantes matriculados no curso de Pedagogia no turno noturno que trabalhavam ao ingressar na universidade. O relatório de Iniciação Científica apresentado em novembro de 2024 também foi utilizado para o mapeamento. Posteriormente, em maio de 2025, foi aplicado um novo questionário (com quinze estudantes do curso de Pedagogia noturno, que se inserem na categoria de estudante trabalhador (Ver Apêndice A). A finalidade seria comparar os dados de 2023 e 2025, investigando se foram mantidas as perspectivas de futuro identificadas na primeira etapa da pesquisa. A condução deste estudo seguiu os preceitos éticos da pesquisa científica, garantindo o sigilo e a confidencialidade das informações compartilhadas pelas participantes. O consentimento informado foi obtido de todos os envolvidos no estudo, e os dados coletados foram utilizados estritamente para fins acadêmicos.

Ao analisar as vivências desses jovens, pretende-se não somente contribuir para a compreensão mais ampla das dinâmicas educacionais no ensino superior noturno, mas também estimular ações para o desenvolvimento de políticas educacionais e estratégias institucionais que fomentem a inclusão de jovens trabalhadores no contexto universitário. Nesse sentido, a pesquisa visa oferecer uma visão abrangente sobre a combinação entre trabalho e formação acadêmica na influência das trajetórias individuais e coletivas dos graduandos em Pedagogia noturno, refletindo, sobre os desafios e as oportunidades dessa modalidade de ensino no contexto contemporâneo.

O trabalho está organizado em três seções além da introdução e considerações finais. Na primeira seção serão discutidos o acesso, permanência e qualidade no ensino superior noturno no Brasil; no segundo capítulo é uma revisão bibliográfica sobre o que é ser jovem, condição juvenil, tipos de dificuldades que enfrentam durante essa trajetória e as políticas de acesso e permanência para essa categoria de estudantes; no terceiro capítulo é a análise dos dados coletados, no ano de 2025 e comparação com os de 2023.

1 ENSINO SUPERIOR NOTURNO NO BRASIL: ACESSO, PERMANÊNCIA E QUALIDADE

Esse capítulo possui três seções, a primeira aborda o contexto histórico do Ensino Superior no Brasil; a segunda, o Ensino Superior na UNEB/*Campus XII*, e última seção contextualiza o curso de Pedagogia no referido *Campus*.

1.1 Contexto histórico do Ensino Superior no Brasil

O contexto histórico do ensino superior no Brasil Pode ser descrevendo com as primeiras escolas segundo Martins (2002), as primeiras escolas do ensino superior no Brasil foram fundadas em 1808 com a chegada da família real portuguesa ao país. No mesmo ano foram criadas três universidades: Cirurgia e Anatomia em Salvador, Academia da Guarda Marinha e Anatomia e Cirurgia ambas na cidade do Rio de Janeiro.

O ensino superior se desenvolveu lentamente seguindo modelos de formação profissionais liberais em faculdades isoladas. O diploma tinha o intuito de assegurar um profissional com direito a ocupar cargos privilegiados no mercado de trabalho, além da garantia de privilégios sociais. Cunha (2000), ao retratar sobre o ensino superior no Brasil, afirma que no século XIX existiam apenas 24 faculdades no Brasil, a partir desse momento houve por iniciativa privada criação de estabelecimentos de ensino superior com a Constituição da República no ano de 1891.

Nas primeiras décadas da República, o ensino superior passou por transformações significativas, impulsionadas pela facilitação do acesso e pela ampliação de faculdades. Segundo Cunha (2000) essas mudanças foram influenciadas por dois fatores principais: o aumento da demanda por ensino superior, decorrente de transformações econômicas e institucionais, e a luta ideológica de liberais e positivistas pelo "ensino livre", além da oposição aos privilégios conferidos pelos diplomas. Além disso, houve pressão para estender aos alunos de outras escolas secundárias os mesmos benefícios dos concluintes do Ginásio Nacional, como a dispensa de exames preparatórios, e para permitir a criação de instituições de ensino superior por governos estaduais e particulares.

A reforma educacional de 1891 estabeleceu a equiparação de escolas secundárias e superiores às instituições federais, como o Ginásio Nacional. Escolas estaduais e, posteriormente, particulares que seguissem o currículo federal e passassem por fiscalização poderiam conceder aos seus alunos o direito de ingressar no ensino superior sem exames preparatórios. Da mesma forma, faculdades não federais que cumprissem os requisitos poderiam emitir diplomas válidos para o exercício de profissões regulamentadas. Isso resultou em uma expansão significativa do ensino superior, com a criação de 27 novas instituições entre 1891 e 1910, abrangendo áreas como Medicina, Direito, Engenharia e Agronomia (Cunha, 2000).

No entanto, à medida que o ensino superior se expandia, cresciam as resistências a esse processo de democratização. Essas críticas levaram a uma nova reforma em 1911, marcando um período de reavaliação das políticas que haviam facilitado o acesso e a multiplicação de instituições de ensino superior no Brasil. Assim, as primeiras décadas da República foram marcadas por avanços e controvérsias no sistema educacional, refletindo tensões entre expansão e qualidade.

A porcentagem de jovens ingressantes nas universidades com idade de 20 a 24 anos era apenas 11,4%, de 1911. Esse dado demonstra que não foi por falta de vagas que esses estudantes ingressaram no ensino superior, mas sim pela deficiência do ensino público fundamental e o número significativos de egressos no ensino secundário (Cunha, 2000).

O ensino superior no Brasil foi oferecido por instituições isoladas, focadas em cursos profissionais como Direito, Medicina e Engenharia. Durante o período colonial e imperial, nenhuma universidade foi estabelecida, apesar de diversas propostas. O imperador Pedro II chegou a anunciar a criação de duas universidades, mas a República adiou essa iniciativa, em parte devido à oposição dos positivistas.

Em 1920, foi criada a Universidade do Rio de Janeiro, a primeira instituição universitária estável no país, formada pela união de faculdades federais pré-existentes de Medicina, Engenharia e Direito. Esse modelo de agregação de faculdades tornou-se referência para as universidades posteriores, como a de Minas Gerais (1927), que também reuniu escolas profissionais com apoio governamental.

Apesar da criação dessas instituições, as universidades brasileiras ainda eram frágeis, com pouca autonomia real. Os conselhos universitários tinham papel mais simbólico, e o governo federal mantinha controle sobre nomeações e currículos,

limitando a independência das faculdades. A estrutura centralizada e a dependência de recursos públicos reduziram a autonomia universitária a uma mera formalidade.

Em síntese, o desenvolvimento do ensino superior no Brasil foi marcado por um processo lento e fragmentado, evoluindo de cursos profissionais isolados para a formação das primeiras universidades no início do século XX. Apesar das tentativas iniciais fracassadas, como as universidades de Manaus, São Paulo e Curitiba, o modelo de agregação de faculdades consagrado pela Universidade do Rio de Janeiro estabeleceu as bases para o sistema universitário brasileiro (Cunha, 2000). No entanto, a excessiva centralização governamental e a falta de autonomia efetiva limitaram o crescimento acadêmico, refletindo um sistema ainda incipiente e dependente de estruturas políticas e burocráticas. Esse contexto histórico ajuda a compreender os desafios que perduram na educação superior brasileira até os dias atuais.

As universidades se expandiram ainda mais século XXI, com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva

Pode-se afirmar que uma terceira onda de expansão do Ensino Superior, no Brasil, teve início na primeira década do século XXI a partir da ascensão ao poder do governo Lula. Essa expansão atingiu a educação superior pública e privada por meio do REUNI, Fies, Prouni e Sistema de cotas para estudantes de escola pública e estudantes afrodescendente, e SisU, realizado por meio da nota do Enem, e outros (Cardoso; Vargas, 2015; Amaral, 2013; Araujo; Pinheiro, 2010 apud Pereira, 2021, p. 65).

Senkevics (2021) e Pereira (2021) dialogam, a partir da expansão do ensino superior, sobre a importância da ampliação do acesso no Brasil, com foco nas metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010 e na Meta 12 do PNE 2014-2024. Ambos enfatizam que a redução das desigualdades no acesso à educação é um desafio especialmente no que diz respeito à permanência dos estudantes e à evasão nas instituições de ensino superior. Há necessidade de diversificação institucional e a elevação da qualidade da oferta educacional, revelando que, apesar de um esforço contínuo para aumentar as matrículas, ainda existem lacunas que precisam ser abordadas. A expansão das matrículas deve ser acompanhada por políticas eficazes de permanência e conclusão dos cursos, além de ações afirmativas que garantam um ambiente educacional inclusivo e equitativo. Portanto, há necessidade de uma abordagem integrada para enfrentar os desafios do sistema educacional brasileiro, visando não apenas o aumento quantitativo das

matrículas, mas também a melhoria qualitativa da experiência acadêmica dos estudantes.

1.2 Ensino Superior na UNEB/Campus XII

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é a maior instituição pública de ensino superior da Bahia, foi fundada no ano de 1983, está presente geograficamente em todas as regiões baianas, estruturada no sistema multicampi. Possui uma população aproximada de 30 mil pessoas entre estudantes, servidores, docentes e técnicos segundo site oficial da UNEB.

Figura 1 - Localização dos Campi da UNEB



Fonte: Atlas UNEB, 2024

Como podemos observar na figura 1, a UNEB possui 31 departamentos instalados em 27 campi, são ofertadas 200 opções de cursos de graduação na modalidade presencial e a distância (EaD) de ensino público, gratuito e de qualidade na graduação e pós-graduação. A referida universidade possui 29 programas de pós-graduação *stricto sensu* com 30 cursos de mestrado e doutorado, para formação profissional em diferentes áreas de conhecimento. As formas de ingresso da UNEB,

são através do Sistema de Seleção Unificada (SISU), vestibular, transferência externa e interna e porte de diploma, segundo o site oficial da UNEB.

O *Campus XII* da UNEB, teve origem da Faculdade de Educação de Guanambi (FAEG) que foi inaugurada no ano de 1989.

Esse *Campus* foi criado na gestão do governador Nilo Augusto Moraes Coelho, como Faculdade de Educação (FAEG), por meio do Decreto nº 2.636, em 04 de agosto de 1989, publicado no Diário Oficial do Estado da Bahia de 05 e 06 de junho de 1989, integrada à Universidade do Estado da Bahia (UNEB), nos termos do parágrafo único do Artigo terceiro da Lei Delegada nº 88 de junho de 1983 (Pereira, 2021, p.38).

Segundo Pereira (2021) a instituição passou a funcionar em sua sede própria em 1993, em um prédio inacabado, no Loteamento Ipanema, ocupando uma área com 76.000 (setenta e seis mil metros quadrados). Em 1997, a Lei 7176 de 10 de setembro de 1997 reestruturou as Universidades Estaduais da Bahia, de natureza multicampi, e as faculdades passaram a denominar-se Departamentos. A FAEG transformou-se em Departamento de Educação (DEDC), *Campus XII*.

A demanda por curso superior na região e a consolidação do curso de Pedagogia facilitou a implantação do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física em 1999, com 40 vagas anuais e, posteriormente, a criação dos cursos de Enfermagem e Administração, por meio das Resoluções do Conselho Superior (CONSU). UNEB Nº 171/2002 e 288/2004, que entraram em funcionamento em 2005, com respectivamente 30 (diurno) e 50 (noturno) vagas anuais; ampliou-se, assim, a entrada anual para 230 estudantes. (Pereira, 2021, p. 39)

Atualmente oferta os cursos de Administração, Enfermagem, Educação Física, Pedagogia e Direito. Os cursos de Administração e Direito são ofertados no período noturno, os cursos de Enfermagem e Educação Física são de período integral e o curso de Pedagogia é ofertado nos turnos matutino e noturno.

O *Campus XII/UNEB*, em 2025, segundo a Secretaria Acadêmica possui 917 matriculados. Sendo, 166 no curso de Pedagogia matutino, 190 no curso Pedagogia noturno, 121 em curso de Enfermagem, 193 no curso de Administração, 130 no curso de Educação Física e 99 no curso de Direito. Os alunos desse semestralizados somam 18, e o curso de Pedagogia foi o primeiro a funcionar na então FAEG como discutiremos na próxima subseção.

1.3 O curso de Pedagogia na UNEB *Campus XII*

Segundo o Projeto de Renovação de Reconhecimento do Curso de Graduação em Pedagogia do ano de 2023, o curso de Pedagogia foi implantado no *Campus XII* (UNEB) no ano de 1991, inicialmente com as Habilitações Magistérios das Matérias Pedagógicas do 2º Grau e Magistério para as Classes de Alfabetização. No ano de 1999 passou a ofertar a Habilitação Educação Infantil e Magistério do Ensino Fundamental. No ano de 2004, com processo de redimensionamento curricular passou a se denominar Pedagogia: Docência e Gestão dos Processos Educativos contendo uma carga horária total de 3.185 autorizados pela Resolução nº 273/04, CONSU. Esse regulamento passou a ser ofertado a partir de 2004.1 e vigorou até o ano de 2007.

Com o propósito de adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (Resolução CNE/CP nº 01 de 15.05.2006) a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação juntamente com a Comissão de Estruturação dos Cursos de Pedagogia da UNEB propuseram uma nova estrutura curricular para os alunos que ingressassem a partir do primeiro semestre do ano de 2008 recebendo a denominação de Licenciatura em Pedagogia.

O Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UNEB – *Campus XII* está fundamentado na LDB 9.394/96, na Resolução CNE/CP nº 2/2015 e em outras normativas que orientam a formação inicial e continuada de professores. O documento defende uma educação voltada à construção de um projeto para uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva, conforme posto na Constituição Federal de 1988. A docência é compreendida como uma ação pedagógica intencional e metódica, que integra conhecimentos específicos, interdisciplinares e ético-políticos, promovendo a formação crítica e humanizada do educador.

Além disso, o projeto valoriza o diálogo com as diversas práticas sociais que compõem a vida dos sujeitos, reconhecendo a educação como um processo formativo permanente, que ocorre tanto em espaços formais quanto informais. A proposta pedagógica também se alinha a diretrizes como o Plano Nacional de Educação, a Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica e as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior, considerando as especificidades regionais,

como a educação do campo e a articulação entre campo e cidade, garantindo contextualização e relevância na formação docente.

O curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação do *Campus XII* da UNEB é presencial, com matrícula semestral e aulas nos turnos matutino e noturno, de segunda a sábado. Segundo site da UNEB os estágios supervisionados são realizados no contraturno das aulas. A cada ano são ofertadas 80 vagas, sendo 60% via vestibular tradicional e 40% pelo SISU. Em 2022, houve 171 inscritos para as 80 vagas (40 matutinas e 40 noturnas), com uma relação de 2,13 candidatos por vaga. O ingresso também pode ocorrer por categorias especiais de matrícula, conforme o Regimento Geral da UNEB.

A UNEB adota o sistema de cotas desde 2003, inicialmente para afrodescendentes e posteriormente ampliado para indígenas, quilombolas, ciganos, pessoas com deficiência, com TEA, altas habilidades, transexuais, travestis e transgêneros, conforme a Resolução CONSU nº 1339/2018. O curso exige a integralização de 3.335 horas em até sete anos, com mínimo de quatro anos. A carga horária inclui 200 horas de atividades acadêmico científico culturais (AACC) e 335 horas de extensão. Em 2022.2, havia 357 estudantes matriculados, com apenas 20 reprovações por frequência (5,6%) e 10 por média (2,8%), indicando alto índice de aproveitamento.

O curso de Pedagogia se estrutura com base em dois eixos: Eixo 1 – o reconhecimento da relação da educação com a sociedade com 28 componentes, o eixo 2 – a relação da formação de professores com a educação básica, ambos os eixos possuem 24 componentes curriculares em cada totalizando carga horária de 3135h, segundo o projeto do curso.

O quadro de docente de Pedagogia é composto por 23 professores, com funcionamento nos dois turnos com 50 vagas em ambos. Segundo o Projeto de Renovação de Reconhecimento do Curso de Graduação em Pedagogia (2023), o corpo docente do Curso é responsável por projetos de ensino, pesquisa e extensão no âmbito do Departamento, com ampla participação em Editais de monitorias e bolsas em programas de ensino, de iniciação científica e de extensão.

Para combater a evasão, o Departamento oferece apoio pedagógico por meio do Projeto de Extensão Acolher, atendimento no colegiado e ações do Núcleo de Apoio e Acompanhamento Pedagógico (NAAP) para os docentes. Também há incentivo à permanência estudantil com bolsas de monitoria, programas de iniciação

à docência (PIBID e Residência Pedagógica), apoio ao transporte escolar e estágios. Na pós-permanência, são ofertadas especializações, ações de extensão e escuta de egressos. O curso participa do ENADE, e seus dados são utilizados em processos de autoavaliação e melhoria contínua, reforçando o compromisso com a qualidade da formação docente.

2 TRAJETÓRIAS DE JOVENS NA UNIVERSIDADE: ENTRE TRABALHO E FORMAÇÃO

Esta seção discute as trajetórias de jovens universitários que buscam conciliar trabalho e formação acadêmica, através das revisões bibliográfica, destacando os desafios enfrentados e as estratégias de permanência no ensino superior. Na primeira seção, abordada o conceito de juventude e condição juvenil. Em seguida, analisa as dificuldades encontradas por jovens estudantes trabalhadores e trabalhadores estudantes para conciliar trabalho e estudo, apontando os desafios dessa realidade em suas vidas. A última seção analisa as políticas públicas de permanência na universidade, refletindo sobre os avanços e falta dele voltadas para garantir a inclusão e a permanência desses sujeitos no ensino superior.

2.1 Conceito de juventude e condição juvenil

A juventude é um período marcante na vida do jovem em que ele constrói sua identidade ligando-se diretamente na transformação da sociedade. Longe de ser mera preparação, é um tempo presente de questionamento e reinvenção cultural. No entanto, essa fase é marcada por incertezas e pressões, tornando a experiência juvenil única e diversa. A condição do jovem é, assim, definida por seu lugar social e suas interações com o mundo.

Dayrell (2003) afirma que os jovens (...) são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. (p. 43)

Siqueira (2021) comenta também que qualquer definição de ser jovem vai ser algo arbitrário e relacional, pois são constituídos por suas realidades sociais, em suas características pessoais, domínios e oportunidades proporcionados por seus

familiares. Assim suas trajetórias e escolhas estão ligadas diretamente a sua situação social. Portanto ser jovem é ser sujeito.

(...) o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. (Dayrell, 2003, p. 43)

Portanto, Dayrell (2003) explica que ser um sujeito significa não ser um objeto passivo, ele dá sentido a tudo que está a sua volta. Tendo a capacidade de escolher e moldar a suas relações com os outros, mas essas escolhas podem ser influenciadas diretamente por sua realidade social. O autor defende que o jovem nasce inserido numa existência previa da sociedade, então a realidade que ele convive vai influenciar diretamente na produção de cada um como sujeito.

Para Dayrell (2007), condição juvenil significa uma maneira de ser, e situação que está inserido, perante a sociedade e como ela vai aderir essa situação de acordo com os contextos sociais e culturais:

Assim existe uma dupla dimensão presente quando falamos em condição juvenil. Refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. (Dayrell, 2007, p. 1108)

Portanto, ser jovem de acordo com os autores é um processo que se configura tanto de maneira individual quanto coletiva, caracterizando-se como uma fase de descobertas e decisões que são marcadas pelo tempo. Durante essa fase, os jovens são submetidos a fazer escolhas que exigem uma maior organização de suas vidas em relação ao presente-futuro. Essas escolhas nem sempre são pautadas por desejos pessoais, mas ligadas diretamente a fatores externos que podem ser de contrapartida ao que almejam, por estarem dentro de seu campo de possibilidades.

Como pode ser percebido em relação aos jovens estudantes do ensino médio, moradores da Baixada Fluminense, retratados na pesquisa de Siqueira (2021). A autora descreve a juventude e a condição juvenil, como um “estilo de vida”, em um tempo presente de “agoras”, repelo de vivências, escolhas, percepções, trocas com gêneros variados. É possível compreender que os jovens pesquisados consideram

esse momento como uma fase até chegarem à vida adulta. Em suas falas, percebe-se que é algo socialmente estabelecido. A condição social, o gênero, o local de moradia podem implicar diretamente em suas concepções futuras, pois “a juventude é um processo de continua transformação individual e coletiva num jogo de experiência múltipla” (Siqueira, 2021, p. 1).

Netto Fleury (2007) e Dayrell (2003) consideram que a juventude não se reduz apenas a uma passagem até a vida adulta, porque os jovens são sujeitos de atitude que carregam consigo experiências, vivências. Esse momento da vida do jovem deve ser algo válido, pois é nessa fase que eles fazem escolhas e constroem personalidades. Portanto, a juventude “é um processo influenciado pelo meio social do qual o jovem faz parte e pelas trocas que faz com este meio” (Netto Fleury, 2007, p. 30). Dayrell (2003) também descreve a juventude como um processo mais amplo:

Dessa discussão, entendemos a juventude como parte de um processo mais amplo de constituição de sujeitos, mas que tem especificidades que marcam a vida de cada um. A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. (Dayrell, 2003, p. 42).

A juventude representa uma etapa do desenvolvimento humano caracterizada por significativas transformações nos domínios biológico, psicológico e social. Essas mudanças são acompanhadas pela transição de papéis desempenhada pelos jovens desde a infância até a idade adulta. Na realidade brasileira, essa transição de papéis é influenciada por uma variedade de fatores psicossociais, tais como as disparidades existentes entre os gêneros, e grupos étnicos, além das múltiplas formas de comunicação e estilos de vida escolhidos pelos jovens no Brasil. (Netto Fleury, 2007).

Nesse sentido, Abramovay e Castro (2015) asseveram que considerar o jovem dentro da sua condição juvenil é de suma importância para compreensão da sociedade moderna e os seu funcionamento e suas transformações.

2.2 Dificuldades para conciliar trabalho e estudo

“Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa” (Saviani, 2007, p.152). O autor assevera que o trabalho e a educação são atividades exclusivas dos seres humanos, destacando a singularidade dessas práticas em relação a outras

formas de atividade no mundo natural, somente os seres humanos são capazes de realizar as complexas atividades de trabalho e educação, o que os distingue fundamentalmente das demais espécies. Essa distinção enfatiza a capacidade humana de criar, aprender, se desenvolver e se adaptar de forma única no contexto da sociedade e da cultura.

Quando se fala sobre a importância do trabalho nas sociedades contemporâneas é de extrema relevância, pois está intrinsecamente ligado à capacidade de prover sustento, determinar renda, status social e influenciar a forma como as pessoas estruturam suas vidas. Assim, a relevância singular do trabalho ao longo da história humana decorre de sua necessidade para a sobrevivência e para a integração social, sendo reivindicado como um direito fundamental que delimita os limites da cidadania. (Garcia, 2004, p. 42).

Várias pesquisas relatam sobre as dificuldades de conciliar trabalho e estudo — Sposito (2005), Hagemeyer; Fonseca (2021); Oliveira; Faria (2024); Tropia; Souza (2023); Vargas; Paula (2024), descrevendo como o trabalho influencia na trajetória dos estudantes.

Nesse campo é importante caracterizar esses estudantes. O estudante-trabalhador é aquele que sua atividade principal é os estudos e o trabalhador-estudante é aquele que prioriza a seu trabalho sem deixar de buscar uma formação (Vargas; Paula, 2013).

Assim Oliveira; Faria (2024) também se ocupa de apresentar tipologias de estudantes universitários:

Por essa razão, neste estudo, adotaremos a seguinte tipologia dos estudantes universitários: 1) os estudantes que apenas estudam, os quais possuem condições socioeconômicas e familiares que permitem a dedicação integral à vida acadêmica universitária; 2) os estudantes trabalhadores, os quais são compostos por aqueles que estudam e trabalham (estudantes ocupados) e os que estudam e estão à procura de trabalho (os estudantes desocupados/desempregados), cuja condição de classe se impõe como elemento determinante da necessidade de trabalhar para prosseguir e permanecer nos estudos universitários. (Oliveira e Faria, 2024, p. 638)

O trânsito entre a universidade e atividades laborais faz com que os jovens vivenciem situações que não seguem um padrão contínuo, pois cada um carrega consigo fatos sociais que vão implicar diretamente nas suas trajetórias juvenis. (Oliveira; Faria, 2024).

É importante destacar também, que esses mesmos jovens enfrentam desafios sem precedentes ao buscar se estabelecer e progredir profissionalmente no mercado de trabalho. Esses desafios não estão limitados apenas à busca por oportunidades laborais, mas principalmente à busca por reconhecimento e valorização social em relação às suas escolhas de carreira. Nesse estágio da vida, os jovens estão engajados na construção de suas identidades profissionais, um processo crucial que se inicia na juventude. Assim, a formação da identidade profissional torna-se uma questão central na vida dos jovens atualmente, influenciando significativamente suas trajetórias e aspirações no mercado de trabalho. (Petters, 2009, p.18).

“Assim, o modo como os jovens vivem essa etapa da vida também se altera, uma vez que a escolaridade já não se afigura mais como elemento garantidor de entrada no mundo do trabalho” (Sposito, 2005, p.90). Essa dinâmica revela que os jovens não podem mais contar com a segurança de uma transição direta para o mercado de trabalho ao término dos estudos, tornando essencial a busca por educação superior. Nesse contexto, os jovens universitários se veem obrigados a conciliar trabalho e estudos para sustentar sua vida atual e garantir oportunidades futuras, enfrentando desafios e dificuldades para conciliar trabalho e estudo.

Essa condição pode ser percebida na pesquisa de Hagemeyer; Fonseca (2021), ao relatar que desde o ensino médio os jovens estudantes já exercem ou procuram alguma atividade laboral enfrentam assim dificuldades para conciliação de estudo e trabalho. Dos entrevistados, 77% trabalham ou desejam iniciar atividades profissionais, por isso optam por estudar no turno noturno, ademais 26% relatam que sentem cansaço e sono durante as aulas e não conseguem se concentrar, e a causa seria a fadiga do dia de trabalho. As autoras ainda destacam que esses jovens estudantes, devido a sua classe social, necessitam contribuir para a renda da sua família, assim sua dedicação aos estudos se torna comprometida não sendo possível em boa parte desses estudantes a conciliação entre trabalho e estudo, pois entram no mercado de trabalho precocemente. Em relação às expectativas a pesquisa também aponta que a maioria dos jovens pretende arrumar um bom emprego e/ou ingressar no Ensino Superior, como pode ser visto na fala de Max-3ª série: “Se eu tiver dinheiro vou fazer faculdade”.

Os desafios em conciliar trabalho e estudo também são percebidos na pesquisa de Oliveira e Faria (2024):

Dessa forma, interfere-se que os jovens estudantes trabalhadores dedicam parcelas significativa do seu tempo semanal ao trabalho, de tal forma que a tarefa de conciliar estudo e trabalho é bastante desafiadora, contraditória e complexa, reforçando a necessidade de políticas educacionais específicas no âmbito do ensino superior. (Oliveira; Faria, 2024, p. 648)

São os estudantes trabalhadores que desafiados em conciliar trabalho e estudo enfrentam a dificuldade de dedicarem mais tempo a seu curso. Trópia e Souza (2023, p. 15), relatam que “Estudantes-ocupados dedicam semanalmente menos horas de estudos fora da sala de aula e frequentam menos vezes bibliotecas.” E complementam dizendo “Têm menos condições de estudo porque dividem sua rotina entre estudo e trabalho.” Essa questão está diretamente ligada ao perfil desses estudantes, pois Trópia e Souza (2023) e Oliveira e Faria (2024), revelam em suas pesquisas um perfil parecido, com predominância de mulheres, negras, com renda entre uma a dois salários-mínimos, tendo pais que não chegaram ou não concluíram o ensino superior.

O perfil socioeconômico do estudante vai influenciar nas suas escolhas e trajetórias da sua vida acadêmica:

A literatura estabelece fartamente a correlação entre condição socioeconômica e escolarização. (...) Por vezes o trabalho dificulta a escolarização, por vezes a ausência de trabalho impede a escolarização. Essa situação, em verdade, traduz a evidência das incompatibilidades entre estudo e trabalho, ou seja, a possibilidade ou não de uma escolaridade longa, segundo a relação do estudante com o trabalho. (Vargas; Paula, 2024, p. 465).

As autoras destacam como o trabalho pode impactar a escolarização em alguns casos, o trabalho pode dificultar o acesso ou a continuidade dos estudos em outros, a falta de trabalho pode ser um obstáculo para conseguir se dedicar à educação. Essa dualidade revela as incompatibilidades entre estudo e trabalho, sugerindo que a relação do estudante com o mercado de trabalho pode influenciar sua trajetória educacional. Apontando para as complexas interações entre fatores socioeconômicos e as oportunidades educacionais.

Trópia e Souza (2024) afirmam que o trabalho constitui o principal motivo de trancamento de matrícula dentre os estudantes ocupados em que a carga horária extensa de trabalho é sua principal dificuldade acadêmica, indicando ser o trabalho – e não o estudo em si – o desafio que mais implica em suas vidas e no contexto acadêmico.

Ainda no diálogo dos desafios é válido destacar as expectativas de futuro destes jovens trabalhadores. Teixeira (2023), relata em sua pesquisa que o ingresso

na universidade são uma das várias possibilidades de escolha de jovens na transição para a vida adulta, mas nem sempre esses processos ocorrem da maneira como o esperado, pois vários fatores implicam nas suas expectativas e projetos de futuro. É notório que o jovem estudante trabalhador vivência dificuldades para conciliar as demandas do curso escolhido e a jornada de trabalho, essa questão já ocorre antes mesmo de entrarem no ensino superior. Além disso, muitos jovens podem entrar na universidade com certas expectativas e objetivos em mente, mas ao longo do percurso acadêmico e ao se prepararem para entrar no mercado de trabalho, suas perspectivas e metas podem se modificar ou se confrontar com a realidade, gerando um conflito interno em relação ao que esperavam inicialmente e ao que desejam alcançar no futuro.

Assim, as dificuldades enfrentadas pelos estudantes trabalhadores ou trabalhadores estudantes deve ser algo em pauta para que haja ampliação das políticas públicas de permanência para esses estudantes que ocupam cada vez mais os espaços do ensino superior, principalmente no turno noturno.

2.3 Políticas pública de permanência na universidade

Como discutido em seção anterior a expansão do ensino superior no Brasil concorreu para a redução das desigualdades no acesso à educação, mas ainda permanecem os desafios da permanência e qualificação das experiências acadêmicas dos estudantes.

Por esse acesso estar cada vez mais amplo, com os Programas de Acesso ao Ensino Superior disponibilizados pelo Ministério da Educação, voltados para estudantes de camadas sociais menos favorecidas (ENEM, FIES, SISU, Prouni), há maiores possibilidades de ingresso. Ademais, ao se matricularem nas instituições de ensino, são incentivados a participarem de Bolsas dos Programas de Permanência Estudantil. Outro ponto crucial é o aumento de procura e oferta de cursos no período noturno. Com efeito, o sistema de cotas nas IES, ganharam novas faces. No Departamento de Educação *Campus XII/UNEB*, no ano de 2023, 75% se consideravam pretos/as e pardos/as (Teixeira e Fernandes, 2024). Observa-se que as instituições de ensino superior se tornaram mais inclusivas, mas em contrapartida a ampliação de vagas no ensino não significa a permanência dos estudantes,

principalmente os estudantes trabalhadores, pois são poucas as políticas públicas de acesso direcionadas exclusivamente para esses estudantes.

Maranhão e Veras (2017), descrevem como esse processo possibilitou aos estudantes trabalhadores uma ponte para chegarem até as universidades.

A abertura de cursos superiores noturnos, na segunda metade do século XX, mais precisamente nos anos 1960, proporcionou aos estudantes trabalhadores e trabalhadores estudantes a possibilidade de frequentarem o Ensino Superior. Essa foi uma conquista que se adquiriu de forma gradativa, a partir de pressões populares que exigiam direito à educação. Embora os cursos superiores noturnos datem dos anos 1960, muitas instituições de ensino levaram mais de uma década para se democratizarem, tanto para abertura de cursos quanto para o atendimento às classes trabalhadoras. (Maranhão; Veras, 2017, p. 554)

Há necessidade de mais políticas públicas de acesso e permanência para esses novos estudantes que chegam. Mesmo com avanços na construção de cenários mais democráticos para o acesso ao ensino superior no Brasil, as políticas públicas para estudantes trabalhadores ainda permanecem em lacunas, tanto no processo de inserção quanto no processo de saída. (Oliveira; Faria, 2024).

Vargas e Paula (2013) afirmam que apesar da ampliação do ensino que beneficiou os estudantes trabalhadores, as políticas de acesso e permanência não favorecem as especificidades do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante, apesar das tentativas das universidades de incluí-los.

Construir o futuro implica investir na educação, na perspectiva de uma política educacional intrinsecamente voltada para os interesses humanos da sociedade, visando à superação intencional e planejada de suas forças de exclusão social(...) por outro lado, o conhecimento produzido, para se tornar ferramenta apropriada de intencionalização das práticas mediadoras da existência humana, precisa ser disseminado e repassado, colocado em condições de universalização. Ele não pode ficar arquivado. Precisa então transformar-se em conteúdo de ensino, de modo a assegurar a universalização de seus produtos e a reposição de seus produtores. (Severino, 2002, p. 121-123)

Severino (2002), compreende a necessidade de investir na educação, com políticas ligadas a interesses das sociedade, em que todo conhecimento produzido deve ser disseminado para que se torne produto; de encontro com a discussão é preciso de políticas que sejam realmente pensada para o estudante-trabalhador e o trabalhador-estudante, pois todas as pesquisas não pode ser apenas dados esquecidos, e sim, dados que vão ser evidencias para conhecer o público que esta dentro das universidades e de que maneira eles vão permanecer, serem incluídos na mesma.

Considerando a universidade como um agente essencial na formação de profissionais para o mercado de trabalho e na geração de conhecimento, percebe-se o trabalho como um gerador de cultura e, conseqüentemente, como um processo de humanização do indivíduo. Nesse sentido, é crucial que a universidade ofereça aos jovens uma formação que vá além de uma abordagem técnica e instrumental padronizada, buscando uma educação mais humanizada. Para que o conhecimento acadêmico atue como humanizador, ele deve estar enraizado no contexto social, conforme destaca Severino (2002). A disseminação e a universalização desse conhecimento são fundamentais para que ele se torne uma ferramenta eficaz nas práticas que moldam a existência humana.

3 QUEM SÃO OS ESTUDANTES DO CURSO DE PEDAGOGIA NOTURNO DA UNEB/ CAMPUS XII

Na primeira seção será abordada um recorte do perfil dos estudantes ingressos no ano de 2023, do curso de Pedagogia Noturno, no Departamento de Educação *Campus XII/ UNEB*. A seção seguinte apresenta e analisa as trajetórias na universidade dos estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia a partir das respostas ao questionário aplicado no ano de 2025.

3.1 Perfil dos estudantes ingressos no curso de Pedagogia Noturno em 2023

O perfil dos estudantes no ano de 2023 apresentado nesta seção é um recorte do Relatório Técnico Final de uma pesquisa de Iniciação Científica, intitulada “Quem são os jovens matriculados do DEDC XII/UNEB? Uma análise a partir do perfil e percepções dos ingressantes dos cursos noturnos em 2023”². A pesquisa buscou descrever e comparar dados dos perfis desses jovens graduandos, analisando as percepções dos estudantes sobre elementos da condição juvenil que pode influenciar (ou não) as trajetórias escolares longevas com ênfase na questão do trabalho.

O recorte contempla os estudantes do curso de Pedagogia noturno. Para descrever o perfil desses estudantes foi utilizado um questionário com 32 questões,

² Os resultados da pesquisa foram apresentados na Jornada de Iniciação Científica da UNEB por mim em novembro de 2024.

sendo 28 de múltipla escolha e 4 abertas. Dos 39 matriculados, 35 responderam ao questionário. Destes, selecionamos 27 participantes, pois o critério para participar da pesquisa era ter entre 18 e 29 anos.

No curso de Pedagogia noturno, a faixa etária é de estudantes com idade entre 18 e 23 anos, compreende-se então que muitos são jovens que concluem o ensino médio já ingressam no ensino superior. A maioria são mulheres (24 estudantes), solteiras (22 estudantes) e sem filhos (apenas um estudante possui filho). É possível que para as estudantes que possuem filhos há maiores desafios para conciliar estudo e trabalho. O quadro a seguir categoriza os jovens em relação à situação de trabalho:

Quadro 1 – Situação de trabalho em relação à cor dos estudantes

Cor	Trabalha	Não Trabalha
Amarelo/a	1	0
Branco/a	2	3
Pardo/a	9	6
Preto/a	3	3

Fonte: Gomes, 2024.

Os dados do quadro um permitem inferir que a maioria dos jovens que cursam Pedagogia são negros, num total de 21 estudantes. Em relação à situação de trabalho, percebemos que há mais estudantes trabalhadores, dos 27 estudantes que responderam o questionário 15 trabalham e 12 não trabalham. Esses dados justificam a necessidade de políticas de permanência e assistência do estudante no ensino superior. Segundo Pereira (2021) as políticas de permanência são elaboradas para atender a todos os estudantes universitários da instituição, sem levar em conta os diferentes aspectos de suas realidades políticas, sociais e econômicas.

Quadro 2 - Afiliação religiosa dos estudantes

Religião	Número de estudantes
Católica	21
Assembleia de Deus	1
Protestante	2
Outras	2

Não tem	1
---------	---

Fonte: Gomes, 2023.

Em relação a afiliação religiosa, é observado no quadro dois que grande parte são da religião católica com 21 respostas. Em relação às outras religiões verificamos que há adeptos da Assembleia de Deus (uma resposta), protestantes (duas respostas), e de outras religiões (duas respostas). No total são 26 estudantes que possuem religião e apenas afirma não ter religião.

Quadro 3 – Município de residência dos estudantes

Municípios	Número de estudantes
Guanambi	19
Candiba	1
Matina	2
Palmas de Monte Alto	2
Tanque novo	2
Urandi	1

Fonte: Gomes, 2023.

Na análise do quadro 3 percebemos que 19 participantes da pesquisa residem no município de Guanambi, onde se localiza a universidade. Os municípios que mais se destacam em quantidade alunos, além de Guanambi, são Matina (dois estudantes), Palmas de Monte Alto (dois estudantes) e Tanque Novo (dois estudantes).

Quadro 4 – Gênero e situação de trabalho dos estudantes

	Homens	Mulheres
Já trabalhou e está desempregado		6
Procura trabalho	1	5
Trabalha	2	13
Não trabalha e nem procura trabalho		

Fonte: Gomes, 2023.

No quadro 4, sobre situação de trabalho há uma maior quantidade de pessoas que trabalham, com 13. Os que procuram trabalho totalizam seis, os que já

trabalharam e estão desempregados são seis, das mulheres. Os homens que trabalham são dois, apenas um estudante procura trabalho.

O quadro 5 apresenta a renda familiar dos estudantes.

Quadro 5 – Renda familiar dos estudantes

Renda	Número de estudantes
Até 1 salário-mínimo	12
Mais de 1 até 2 salários-mínimos	9
Mais de 2 até 3 salários-mínimos	5
Mais de 3 até 4 salários-mínimos	1
Mais de 4 salários-mínimos	

Fonte: Gomes, 2023.

No quadro 5, a renda familiar de 12 estudantes não ultrapassa um salário-mínimo. Se considerarmos a renda até dois salários-mínimos, são 9 estudantes. Com mais de dois até três salários-mínimos são cinco, com mais de três até quatro salários-mínimos apenas uma família. A maior parte das famílias dos estudantes tem um ou duas pessoas que ajudam a obter essa renda.

Em relação à escolaridade, pudemos perceber que a maioria dos estudantes da Pedagogia é oriunda do ensino médio regular, cursado em escola pública da zona urbana, com trajetórias lineares, ou seja, sem muitas reprovações. Convém salientar que 20 estudantes tem o maior nível de escolaridade em relação a sua família.

Os motivos que levaram a ingressar no ensino superior na UNEB são variados (por ser uma instituição pública, ser perto da cidade que mora, ter o curso de interesse, pelo ensino de qualidade). Dos 27 estudantes, 16 tem afinidade como curso, e 11 queriam estar em outro curso. As motivações para estarem matriculados em Pedagogia são variadas. As categorias que obtiveram um maior número de respostas são: questões financeiras e identificação com a profissão.

Quadro 6 – Expectativas de futuro dos estudantes

Categorias	Número de estudantes
Profissional de excelência	6
Ingressar na pós-graduação	10

Atuar /trabalhar na área	14
Fazer outro curso	1
Buscar remuneração satisfatória	2
Passar no concurso	3

Fonte: Gomes, 2023.

Nessa tabela ultrapassa os 27 estudantes pois cada um tinha mais de uma expectativa. A maior expectativa está em atuar/ trabalhar na área (14 respostas), a segunda maior e ingressar na pós-graduação (10 respostas). Outros pretendem se tornar um profissional de excelência. Uma porcentagem dos estudantes assim que terminarem o curso pretendem ter uma remuneração satisfatória (2 respostas). Apenas um estudante pretende fazer outro curso. Três estudantes pretendem passar no concurso.

Como resultado da pesquisa foi possível perceber a predominância de um público jovem feminino, em sua maioria tem idade entre 19 e 22 anos, composto majoritariamente por indivíduos solteiros que ao concluírem o ensino médio ingressaram diretamente no ensino superior, apresentando uma expressiva representatividade de estudantes negros residentes no município de Guanambi. Em sua maioria sem filhos e com alguma afiliação religiosa. São estudantes que estão envolvidos em atividades laborais.

3.2 Trajetórias dos estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia na Universidade

O segundo questionário, foi aplicado em maio de 2025, apenas com os 15 estudantes trabalhadores do curso de Pedagogia no turno noturno do *Campus XII/UNEB*, que responderam o primeiro questionário do ano de 2023 com o intuito de compreender suas trajetórias nos dois primeiros anos de graduação no curso; se continuam com as mesmas expectativas de futuro e a sua relação com o trabalho e estudo. Dos 15 questionários distribuídos, obtivemos retorno de 11 estudantes.

O questionário disponibilizado continha 13 questões sendo 3 de múltipla escolha e 10 abertas. As questões abordavam sobre o trabalho exercido; vantagens e desvantagens em ser estudante-trabalhador; dificuldades e desafios para conciliar trabalho e estudo; formas de apoio da universidade; e as expectativa após a conclusão

do curso. No questionário aplicado os estudantes escolheram como queriam ser nomeados na pesquisa, no entanto, duas estudantes não escolheram e para estas, foram atribuídos nomes fictícios. Os dados possibilitaram organizar o quadro a seguir.

Quadro 7 – Estudantes de Pedagogia segundo suas idades, horas trabalhadas, salário, motivação para trabalhar, função e identificação com a função no *Campus XII/UNEB*

Nome	Idade	Quantidade de horas trabalhadas por dia	Salário que recebe (Salário mínimo)	Motivação pelo qual trabalha	Função que desenvolve no trabalho	Identificação com a função
Renan	20	8h	Menos de um salário mínimo	Independência financeira	Lavrador	Não se identifica
Monique	24	2h	Menos de um salário mínimo	Manter os estudos	Reforço (escolar)	Sim
Livia Monielle	20	8h	1 salário mínimo	Independência financeira	Monitora	Em algumas partes se identifica
Tegiane	24	8h	1 salário mínimo	Independência financeira	Vendedora	Acha que se identifica
Larissa	21	Mais de 8h	1 salário mínimo	Independência financeira e manter os estudos	Manicure e cabeleireira	Se identifica
Josimara	22	4h	Menos de 1 salário mínimo	Independência financeira	Monitora	Sim
Sabrina	23	8h	1 salário mínimo	Ajudar nos custos de casa	Auxiliar administrativo em um setor de RH	Não informou
Enzo Santos	22	8h	1 salário mínimo	Manter os estudos	Monitor	Sim
Vitoria Santos	21	8h	1 salário mínimo	Independência financeira	Monitora	Não se identifica
Maria Elisa	Não informou	Mais de 8h	1 salário mínimo	Independência financeira	Assistente (matutino) secretária (vespertina)	Não informou
Luana	20	Mais de 8h	Menos de 1 salário mínimo	Independência financeira	Baba	Sim

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

O quadro 7 evidencia aspectos da realidade desses estudantes que conciliam trabalho e estudo. Os entrevistados em sua maioria trabalham em tempo integral, com

jornada de trabalho de até 8h por dia, sendo que três deles relatam trabalhar mais de 8h diárias. Apenas dois dos entrevistados trabalham com carga horária com menos de 2 a 4 horas diárias. Foi possível analisar que a jornada é extensa, levando em consideração as exigências de um curso de ensino superior.

Os estudantes comentam como veem o trabalho. Para dois estudantes é visto como um meio de se manter, quanto na universidade ou fora dela, como é destacado por quatro estudantes.

Sobrevivência, necessidade, pois sem o trabalho não conseguimos ser vistos (Renan)

Um meio de sobrevivência. (Monique)

Importante, pois sem ele não conseguiria estudar. (Larissa)

Comprar as coisas que preciso e me manter na UNEB. (Josimara)

O trabalho como um meio de permanência na universidade é algo a ser destacado, pois se entende o porquê de os estudantes ingressarem em atividades laborais antes mesmo que a universidade. Ademais, esses mesmos estudantes não têm acesso a bolsas, comprometendo sua permanência na instituição de ensino. Pereira e Heringer (2024) comentam sobre:

Nesse contexto, a conciliação estudo-trabalho não é fácil, mas necessária para garantir, de um lado, a permanência e a consequente titulação em um curso superior, e, de outro, a contribuição com a renda familiar. Mas nem sempre essa interação é possível, pois a necessidade do exercício profissional, a dificuldade financeira e a distância geográfica pesam na decisão do estudante de abandonar os estudos. (Pereira; Heringer, 2024, p. 329)

A citação descreve uma realidade que se aproxima do contexto dos alunos do curso de Pedagogia. Os fatores profissionais, financeiros e geográficos têm forte influência na permanência do estudante no curso.

Há duas respostas, que mostram a ligação entre o trabalho a formação, em que tê-lo como renda é importante, mas também traz uma aproximação com curso.

Me traz a experiência do curso que faço, então já tenho em mente aquilo que posso esperar e eu preciso do salário (Livia Monielle).

Experiência, aprendizado, passar o conhecimento para ajudar o próximo (Enzo Santos).

Tegiane e Sabrina, tem a percepção como algo essencial, pois proporciona sustento, autonomia e crescimento pessoal e profissional. Vitória Santos, afirma que *“o trabalho tem um significado de dignidade, através dele é possível me manter e conseguir o que preciso”*, Luana relata *“tudo para mim, pois através dele poderia ajudar minha família, comprar as coisas que necessitava”*.

Nas respostas coletadas sobre a remuneração, os participantes da pesquisa recebem até um salário-mínimo, sendo que quatro deles ganham menos do que esse valor. Essa questão reforça que os estudantes da Pedagogia que trabalham são de baixa renda, assim como na pesquisa de Gomes (2024), onde os estudantes em sua maioria era provedores do sustento da família.

As motivações para trabalhar são variadas. O maior número de respostas é a busca por independência financeira, citada por sete dos entrevistados. Além disso, três relataram trabalhar para manter seus estudos, o que reforça o vínculo do trabalho e o estudo. Uma das entrevistadas trabalha para ajudar nos custos da casa.

Em relação a função que exerce no trabalho, são variadas. Sendo na área da educação, com seis respostas (monitores e reforço escolar), áreas variadas com cinco respostas (manicure, babá, auxiliar administrativo e lavrador). Algumas dessas funções não estão relacionadas ao curso que estão fazendo, isso reflete sobre as oportunidades de trabalho que esses jovens têm.

Na questão sobre a identidade com a função que exercem, cinco afirmaram se identificar com o trabalho, dois deles não tem certeza, sendo um que “acha” e o outro só se identifica com “algumas partes”. Outros dois estudantes não informaram. Isso demonstra que mesmo que estejam trabalhando por necessidade, há um vínculo com as atividades que exercem no seu trabalho. Assim, mesmo entre aqueles que não se identificam com suas funções como Renan, que é lavrador, e Vitória, que atua como monitora há um reconhecimento da importância do trabalho para a construção da autonomia financeira. Isso mostra que, embora nem todos estejam inseridos em ocupações que dialogam com seus projetos de vida, o trabalho ainda é visto como algo importante.

Em síntese, as respostas indicam que esses estudantes enfrentam jornadas intensas de trabalho, recebendo uma remuneração que os deixam em situações de dificuldade em relação ao curso, mesmo assim seguem procurando formas de manter os estudos. Com as motivações que em sua maioria são financeiras, é possível

compreender que as escolhas dessa jornada se dão por motivos de liberdade financeira e não por afinidade profissional, então o trabalho, se torna parte fundamental do percurso, com impactos sobre suas trajetórias.

3.2.1 Vantagens e desvantagens de trabalhar e estudar

A conciliação entre trabalho e estudo foi abordada pelos estudantes como um desafio positivo e negativo. Por um lado, há benefícios, por questões financeiras e continuidade dos estudos; por outro, os relatos revelam jornadas com cansaço físico e mental e prejuízos na trajetória acadêmica. Isso pode ser percebido quando são perguntados sobre as vantagens e desvantagens de estudar e trabalhar ao mesmo tempo.

Em relação às vantagens, a fala dos jovens estudantes trabalhadores tem as mesmas perspectivas para a independência e se sustentarem financeiramente.

A vantagem é que você terá dinheiro para se manter e manter os estudos (Renan).

A vantagem é a renda (Monique).

As contas serão pagas me sinto uma guerreira por dar conta de tudo (Livia Monielle).

Própria independência financeira (Luana).

Essas percepções confirmam o que autores Oliveira e Faria (2024) apontam em sua pesquisa ao tratar da centralidade do trabalho para estudantes oriundos de camadas populares, que dependem dele para garantir sua permanência na universidade.

Além da questão financeira, são descritos por quatro estudantes a vantagens formativa e pessoal, aproximando a experiência entre tória e prática. Uma estudante considera como vantagens o desenvolvimento da responsabilidade e da organização do tempo e independência.

A possibilidade da universidade, conciliar ambos (Sabrina).

Ganhado experiência em sala de aula (Enzo Santos).

Ligação entre teoria e prática (Vitória Santos).

Essa junção de formação profissional em contexto real, é destacada por autores como Locatelli e Diniz-Pereira (2019), quando tratam dos estudantes de licenciatura:

Com relação aos estudantes trabalhadores, uma boa parte deles é formado por aqueles que iniciam suas atividades no magistério antes do término do curso. Se, por um lado, esses estudantes terão oportunidade de conhecer o campo de atuação durante a realização do curso, reduzindo o distanciamento da formação com as atividades práticas da docência; por outro lado, vão assumir a atividade docente de maneira precoce, antes mesmo de terem realizado o estágio supervisionado, muitas vezes reduzindo o tempo e também a qualidade da formação (...). (Locatelli; Diniz-Pereira, 2019, p. 234).

Por outro lado, as desvantagens de trabalhar e estudar ao mesmo tempo são descritas também nos relatos. A falta de tempo para estudar aparece de forma recorrente, descrita por três entrevistados. Monique afirma que a *“diminuição do tempo voltado para os estudos”*; Renan: *“a desvantagem é a falta de tempo para fazer as atividades”*; Sabrina, de forma semelhante, sente que não consegue se dedicar *“como gostaria”*. Essa falta de tempo é comentada também na pesquisa de Locatelli e Diniz-Pereira (2019):

Isso tem feito da licenciatura uma área com significativo número de estudantes trabalhadores. São universitários que não aplicam o melhor do seu tempo e energias nos estudos, visto que utilizam o ensino noturno ou os horários alternativos para frequentarem as aulas. Invariavelmente, para esses alunos, estudar significa realizar uma terceira jornada, praticada, quase sempre, no limite do esforço físico e mental. (Locatelli; Diniz-Pereira, 2019, p. 234).

O cansaço físico e mental, que interfere diretamente no rendimento acadêmico também é mencionado. As falas a seguir descreve bem como é esse processo de trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

Sobrecarga, cansaço físico e mental extremo e falta de tempo para me dedicar os estudos (Livia Monielle).

Sobrecarga, cansaço físico e mental e falta de tempo para dedicar aos estudos (Tegiane).

Atrapalha nos estudos tanto em casa quanto na UNEB (Josimara).

Bem corrido para realizar atividades, trabalhos etc (Enzo Santos).

Não tem tempo suficiente para dedicar aos estudos (Luana).

Dificuldade de conciliar os trabalhos acadêmicos com trabalho (Maria Elisa).

Os relatos revelam que, embora o trabalho seja essencial para garantir renda, a independência financeira e até mesmo experiências, ele também representa um obstáculo para a formação acadêmica. O desafio de conciliar estudo e trabalho exige dos estudantes muitos esforços e resistência, deixando em evidência a importância de políticas públicas que reconheçam essa realidade.

3.2.2 Desafios para conciliar trabalhos e estudo

A conciliação entre trabalho e estudo se revela, para muitos estudantes trabalhadores, um percurso com dificuldades, mas também por resistência. Quando questionados se já pensaram em desistir do curso por conta do trabalho, a maioria respondeu que não, embora com diferentes justificativas.

Só começou a trabalhar para manter os estudos (Monique).

Conciliar o trabalho com os estudos apesar das dificuldades e da correria do dia a dia (Tegiane).

No entanto, outros relatos revelam momentos de incerteza. Livia Monielle admite que já pensou em desistir porque “*não compensava*”, mas decidiu continuar por já ter cursado a metade do curso e tem um grande desejo de lecionar. Sabrina, já pensou em desistir “*inúmeras vezes*”, mas continua por se identificar com o curso de Pedagogia. Maria Elisa também enfrentou essa dúvida, mas afirma que “*a vontade de vencer é maior*”. Esses depoimentos demonstram que a permanência no ensino superior vai além da estrutura institucional: depende de apoio emocional, questões pessoais e resistência para enfrentar as dificuldades, o que confirma a pesquisa de Petters (2009), ao discutir os processos identitários de jovens universitários, em que eles não apenas precisam de políticas públicas ou estrutura na Universidade, mas também o desejo de superação, vinculado à formação docente e o apoio familiar.

As dificuldades relatadas tornam-se ainda mais evidentes quando os estudantes descrevem situações vividas para conciliar trabalho e estudo. A estudante

Monique, relata que chegou a desistir de trabalhar fora de casa para conseguir concluir as demandas do curso, enquanto Renan precisou redução ou se autodemitir devido à distância entre trabalho e universidade. Sabrina menciona que sua forma de lidar com a falta de tempo é a privação do sono, dormindo entre 4 a 5 horas por noite para dar conta da faculdade e do trabalho. Já Larissa relata que só tem tempo livre aos domingos para realizar atividades acadêmicas, e que tenta aproveitar qualquer tempo que sobre. Essas falas indicam um sobrecarga e escolhas pessoais, que é apontado por Garcia (2004), ao analisar os sentidos do trabalho entre jovens universitários, os estudantes-trabalhadores vivenciam uma rotina marcada por conflitos entre tempo de trabalho e tempo de estudo, exigindo deles estratégias de sobrevivência, resistência e negociação entre os espaços que ocupam.

Nas falas descrevem como lidam com às limitações. Livia Monielle contou que, mesmo sem tempo para estudar para uma prova, foi aprovada por ter absorvido os conteúdos em sala. Tegiane, por sua vez, precisou reestruturar sua rotina de trabalho e estudo nos finais de semana e até usar o tempo de aula para organizar tarefas acadêmicas. Enzo Santos, relata que deixou de se preocupar com a escola onde atuava temporariamente, porque ela não ofereceu o suporte prometido, priorizando seus estudos. Já Luana vivenciou um momento marcante, pois perdeu pontos em uma apresentação porque sua patroa chegou tarde, ficou sem carona e sem dinheiro para pagar o transporte, e acabou não conseguindo ir à faculdade.

Essas experiências vividas por eles evidenciam que, embora haja resistência por parte dos estudantes, a estrutura universitária e currículo não é pensado para quem precisa trabalhar e estudar. Essa desigualdade se manifesta de forma ainda mais clara quando retratam a dificuldade de participar das atividades acadêmicas complementares como: eventos, editais e bolsas. Todos os participantes que responderam têm alguma dificuldade, principalmente pela questão dos horários.

Renan diz que, por trabalhar 8 horas por dia e morar longe, acaba impossibilitado de participar. Livia, Tegiane, Larissa e Vitória ressaltam que os eventos costumam ocorrer durante o horário em que trabalham. Enzo e Josimara chamam atenção para o fato de que as atividades são geralmente ofertadas no turno da manhã, o que restringe o acesso de quem trabalha nesse período. Maria Elisa relata que, além do conflito de horários, as bolsas oferecidas pela universidade não são acessíveis a ela, enquanto Luana afirma ter perdido muitas oportunidades por estar trabalhando e não poder sair do emprego no horário das atividades.

É importante destacar uma contradição. Embora as universidades incentivem a participação estudantil em projetos de pesquisa, extensão e eventos que são considerados essenciais para a formação, essas oportunidades nem sempre são pensadas para incluir os estudantes-trabalhadores. Como apontam Trópia e Souza (2023), a universidade, em muitos casos, permanece “semiaberta” para esses sujeitos, já que suas políticas e currículos nem sempre considera as particularidades de quem precisa trabalhar para estudar.

Dessa forma, fica evidente que a conciliação entre trabalho e estudo não está somente ligada apenas ao esforço do aluno. Ela envolve um cenário mais amplo, a democratização do acesso às atividades institucionais precisa ser repensada para acolher uma realidade cada vez maior.

3.2.3 Universidade: acolhe ou exclui?

A ausência de apoio institucional no enfrentamento da dupla jornada é um dos pontos mais citados nos relatos dos estudantes entrevistados. Quando questionados sobre o tipo de apoio e/ou orientação recebido durante a trajetória universitária para conciliar trabalho e estudo, a maioria respondeu que não recebeu nenhum tipo de suporte. Renan foi direto: “*absolutamente ninguém*”, assim como Monique, Livia Monielle, Tegiane, Larissa e Josimara, que também disseram nunca ter contado com qualquer tipo de orientação por parte da universidade. Esses dados mostram que, para muitos estudantes-trabalhadores, a vivência universitária é solitária.

Essa realidade confirma o que Garcia (2004), ao destacar em sua pesquisa que o estudante-trabalhador enfrenta uma dupla jornada e nem sempre é reconhecida ou acolhida pelas políticas universitárias. A falta de apoio reforça desigualdades já presentes no acesso ao ensino superior, dificultando a permanência daqueles que, além de estudar, precisam garantir seu sustento por meio do trabalho.

Apesar disso, alguns estudantes relataram algumas redes de apoio dentro da universidade:

(...) percebi que aquela dura realidade era de praticamente a maioria da sala. (Luana)

Meus amigos da faculdade me deram suporte e uma professora da UNEB, me direcionou do que fazer. (Enzo Santos)

Apenas uma estudante (Sabrina) reconhece um lado positivo como apoio da instituição de ensino, pois referindo-se à oferta de cursos em turnos opostos: *“o maior apoio veio da universidade ofertar os cursos em que conseguimos frequentar”*.

Essas realidades demonstram que, mesmo diante das situações, os estudantes resistem como sujeitos ativos na construção de suas trajetórias. Como aponta Dayrell (2003, p. 46), *“os jovens, mesmo em situações adversas, não são passivos; elaboram estratégias, resistem e constroem projetos de vida com base em suas condições e possibilidades”*. É nesse cenário que surgem formas de solidariedade, apoio de redes informais que se tornam fundamentais para a permanência no ensino superior.

Questionados sobre como a universidade poderia auxiliar na superação dessas dificuldades, os estudantes propuseram variadas soluções. A principal foi por mais compreensão por parte dos professores e da gestão universitária. Como são expostas a seguir:

Os professores poderiam ser mais compreensivos. (Monique)

Atividades em que todos possam participar. (Larissa)

Tendo um pouco de compreensão, além de abordar tal tema em projeto. (Renan)

Os professores poderiam abordar um método mais simples para uma avaliação escrita (...) muitos não têm tempo para rever os conteúdos. (Livia Monielle)

Dessa forma, a universidade deveria reconhecer os diferentes perfis de estudantes, como defende Sposito (2005, p. 77): *“Para garantir a permanência estudantil, é necessário que a universidade reconheça os diferentes perfis de estudantes e crie espaços de escuta e acolhimento”*.

Ademais, a flexibilização de horários e prazos acadêmicos. Como é visto nas falas de Tegiane *“atividades em horários flexíveis e mais compreensão nos prazos de entrega”*, e Josimara *“fornecer mais bolsas, realizar eventos à noite e até mesmo diminuir os horários de aula”*. Vitória Santos propõe *“mais eventos no horário das aulas, menos trabalhos em grupo e mais aulas remotas”*.

Essas reivindicações dialogam com o que destacam Trópia e Souza (2023, p. 5): *“A ampliação do acesso à universidade não tem sido acompanhada, de forma equivalente, pela ampliação das condições de permanência”*. Em outras palavras, o problema não está apenas em entrar na universidade, mas em se manter nela.

Por fim, os estudantes também propõem ações de apoio financeiro e pedagógico, como maior oferta de bolsas e monitorias, além de metodologias mais acessíveis, com as falas de Enzo “(...) *ofertando mais monitoria, bolsas, entre outros*”, Sabrina “*trazer o currículo mais próximo da realidade dos alunos*”, e Luana “*ajudar com o auxílio de bolsas, práticas e metodologias mais flexíveis*”.

Essas propostas demonstram que os estudantes-trabalhadores sabem exatamente o que precisa ser feito, eles não pedem menos exigência acadêmica, mas condições justas de participação para de manterem nela. Como aponta Oliveira e Faria (2024, p. 641), “o trabalho para o jovem universitário não é apenas uma obrigação econômica, mas um espaço de construção de autonomia e afirmação de sua existência”.

3.2.4 Expectativas de futuro

Na questão sobre as expectativas dos estudantes após a conclusão do curso de graduação as respostas são ligadas à estabilidade profissional, à valorização da formação docente e à continuidade dos estudos, mesmo diante das dificuldades vividas ao longo da trajetória acadêmica. Ainda que enfrentem uma rotina exaustiva para conciliar trabalho e estudo, os entrevistados persistem em conseguir um diploma e o futuro que ele pode proporcionar. A maior parte dos estudantes deseja atuar na área da educação e alcançar estabilidade por meio de concursos públicos ou da continuidade na formação, isso é percebido na fala de quatro estudantes.

Petters (2009, p. 98), destaca que, para muitos jovens da licenciatura, a universidade representa mais do que um espaço de formação técnica ela é o lugar onde se constrói identidade, se planeja o futuro e se busca superação pessoal e social. É nesse sentido que a graduação aparece, para esses sujeitos, como ferramenta de transformação de suas condições de vida, mesmo em contextos de vulnerabilidade.

Dois estudantes mencionam a vontade de seguir se qualificando em pós-graduação. Renan afirma “*ingressar na pós ou no mestrado, tendo em vista que dê para encaixar trabalho e estudo*”, enquanto Enzo Santos: “*tentar o mestrado, fazer especializações, passar em um concurso e realizar coisas novas*”.

Larissa tem expectativas de seguir carreira e ingressar no mercado de trabalho, “*poder conseguir um emprego na área e continuar estudando*”. Já Maria Elisa “*conseguir um bom emprego*”, o que pode estar relacionado a necessidade de retorno

financeiro. O que é comum entre estudantes de origem popular, que precisam transformar o diploma em renda rapidamente (Trópia; Souza, 2023).

Por fim, Vitória Santos comenta “*Que eu consiga concluir na data esperada e junto com a turma que entrei*”. Sua fala expressa o quanto a permanência até o final do curso, sem interrupções, é por si só uma conquista, diante das barreiras enfrentadas ao longo da trajetória. Assim, as expectativas expressadas pelos estudantes mostram que, apesar da rotina exaustiva, da falta de apoio e das dificuldades, a graduação ainda representa esperança, e realização pessoal e profissional.

Os dados coletados em 2023 e 2025 permite analisar se os estudantes continuaram com as perspectivas de futuro identificadas no início da graduação. Em 2023, a maiorias delas estavam relacionados ao desejo de atuar na área de formação, seguir na pós-graduação, ser aprovado em concursos públicos e alcançar estabilidade financeira. Com a análise dos dados do ano de 2025, manteve boa parte dessas expectativas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, a pesquisa abordou questões que são fundamentais para compreender a realidade educacional e profissional de estudantes do turno noturno, pois eles estão diretamente relacionados à necessidade de conciliar estudos e trabalho e suas perspectivas de futuro com o curso. Assim, por meio desta pesquisa, foi possível compreender a maneira como o trabalho influencia na formação dos estudantes, servindo como um ponto de partida para a identificação da necessidade de um currículo elaborado especificamente para esses jovens universitários que também exercem atividades laborais.

O trabalho teve como objetivo analisar a trajetórias desses jovens estudantes do curso de Pedagogia Noturno, matriculados no *Campus XII/ UNEB*, com o foco na relação de trabalho e formação, através das respostas do questionário aplicado no ano de 2025.

Portanto, o resultado da mesma contribuirá para reflexões mais amplas sobre a educação superior do curso de Pedagogia noturno, e as condições sociais

enfrentadas pelos estudantes que irá possibilitar a identificação dos desafios, para que as instituições de ensino superior, possa pensar posteriormente em políticas com o intuito de minimizar essas questões que afetam os jovens estudantes trabalhadores.

Esses estudantes sofrem com jornadas intensas de trabalho, com remuneração baixa o que dificulta a sua presença na universidade. A maioria concilia estudos com jornadas de trabalho de até 8h por dia, alguns tem funções não relacionadas ao curso como serviços gerais ou comércio, mas a maioria está envolvido com alguma atividade laboral relacionada a Pedagogia.

Os dados revelaram desafios que enfrentam para ter a conciliação entre trabalho e estudo, como cansaço físico e mental, falta de tempo para estudos e participação em atividades acadêmicas complementares, eventos, bolsas. Apesar disso, os estudantes persistem e fazem uso de estratégias para continuarem seus estudos como reorganização de rotinas e apoio de redes informais de colegas, familiares. A universidade, porém, mostrou-se pouco adaptada às suas necessidades, com políticas de permanência que não os contemplam e currículos pouco flexíveis.

As expectativas foram mantidas com as identificadas em 2023 sendo elas: atuar na área da educação, ingressar em pós-graduação ou concursos públicos. A graduação é vista por eles como um meio de transformação social e pessoal, pois com ela conseguem uma vida melhor.

Além disso, se torna evidente a importância de reconhecer as trajetórias desses jovens como realidade dentro do ensino superior noturno. Os resultados servem como fonte para futuras transformações para incluir essa grande parcela de estudantes que ao mesmo tempo são pequenos por serem tão esquecidos.

Por fim, este trabalho não apenas amplia a compreensão sobre o curso de Pedagogia noturno, mas também deu voz a estudantes cujas vivências são ocultadas, reafirmando a educação como um direito a ser conquistado não apenas no acesso, mas na permanência. Deixo aqui um questionamento para as próximas pesquisas: quem são esses jovens estudantes trabalhadores? O porquê de serem tão esquecidos? E finalizo dizendo que talvez eles sejam apenas dados ou resultados de artigos esquecidos que são publicados em alguma revista qualquer.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. CASTRO, Mary Garcia. Ser jovem no Brasil hoje: políticas e perfis da juventude brasileira. **Cadernos Adenauer**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 13-25, 2015.

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, LDA, 2010..

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo de Educação Superior 2021: notas estatísticas**. Brasília, DF: Inep, 2023.

Campus Guanambi, Universidade do Estado da Bahia. UNEB, 2025. Disponível em: <https://dedc12.uneb.br/>. Acesso em: 01 de maio, 2025.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino superior e universidade no Brasil**. In: 500 Anos de Educação no Brasil - 3ª Ed. 2007. São Paulo: Autentica, 2007

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105–1128, out. 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, p. 40–52, set. 2003.

GARCIA, Dirce. M. F. Um estudo sobre jovens estudantes-trabalhadores: da inserção ocupacional aos sentidos do trabalho. **Cadernos CERU**, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75323/78864>, acesso em: 01 jun, 2024.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Ânima Educação, 2014.

HAGEMEYER, Regina Cely de Campos; FONSECA, Débora Medeiros Ramalho. **A visibilidade das juventudes no ensino médio noturno: culturas, *habitus* e inovação curricular**. In: 40ª Reunião Nacional da Anped. Pará, set-out, 2021.

LOCATELLI, Cleomar; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. QUEM SÃO OS ATUAIS ESTUDANTES DAS LICENCIATURAS NO BRASIL? Perfil socioeconômico e relação com o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, v. 26, n. 3, p. 225–243, 18 Nov 2019
Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/12767>. Acesso em: 23 mai 2025.

MARANHÃO, Jucilene Dias; VERAS, Renata Meira. O ensino noturno na Universidade Federal da Bahia: percepções dos estudantes. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 96, p. 553-584, jul./set. 2017. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362017002500854>

MARTINS, A. C. P.. Ensino Superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v.17, p. 04–06, 2002.

Netto Fleury, M. M. (2007). Baile de calle: Jóvenes entre proyectos de recreación y trabajo. *Ultima decada*, 15, 27-48. doi: 10.4067/ S0718-22362007000200003.

OLIVEIRA, Luiz Paulo Jesus de; FARIA, Ivan. Trabalho e educação: um estudo sobre jovens estudantes-trabalhadores universitários no interior da Bahia. **Cadernos do CEAS: Revista Crítica de Humanidades**. Salvador/Recife, v. 49, n. 263, p. 629-663, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.25247/2447-861X.2024.n263.p629-663>.

PEREIRA, José Aparecido Alves; HERINGER, Rosana Rodrigues. Permanência, evasão e mobilidade na trajetória acadêmica de ex-alunos do *Campus XII* da Uneb. **Revista Bahia análise de dados**, Salvador, v. 34, n. 1, p. 308-337, jan.-jun. 2024.

PEREIRA, José Aparecido Alves. **Permanência e evasão estudantil na Universidade do Estado da Bahia (UNEB): o caso do Campus XII – Guanambi**. 2021. 198 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/server/api/core/bitstreams/603c62f8-01af-4a0c-bb84-18cb8ad7302e/content>. Acesso em: 12 maio 2025.

PETTERS, Luciane. **Trajetória e expectativas de jovens universitários: um estudo sobre os processos identitários dos jovens do curso de Pedagogia na relação educação, trabalho e ações coletivas**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós Graduação *Stricto Sensu*, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2009. Disponível em: <https://www.univali.br/Lists/TrabalhosMestrado/Attachments/651/Luciane%20Carmerm%20Figueredo%20Petters.pdf>, acesso em 20 de mai, 2024.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007.

SENKEVICS, Adriano. A expansão recente do ensino superior: cinco tendências de 1991 a 2020. *Cadernos de estudos e pesquisas em políticas educacionais*, v. 3, n. 4, p. 199-246, 2021. Disponível em: <http://cadernosdeestudos.inep.gov.br/ojs3/index.php/cadernos/article/view/4892>.

SEVERINO, A. J. Educação e universidade: conhecimento e construção da cidadania. *Comunic. Saúde, Educ., Botucatu-SP*, v. 6, n. 10, p. 117-24, fev. 2002.

SIQUEIRA, Rejane Brandão. Podemos falar em jovens normalistas? A escola normal faz juventudes?. In: 40ª Reunião Nacional da Anped. Pará, set-out, 2021.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena(org.). **Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

TEIXEIRA, Anna Donato Gomes. **Trajetórias e expectativas de futuro de jovens estudantes de pedagogia na Universidade no Estado da Bahia**. In: 41ª Reunião Nacional da Anped. Manaus, out, 2023.

TRÓPIA, Patrícia Vieira; SOUZA, Davisson Charles Cangussu de. As portas permanecem semiabertas: estudantes trabalhadores nas universidades federais. **Proposições**, v. 34, p. 1-29, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/S3ZQy57p6XDSrv5GZHxCfkS/>. Acesso em: 03 mai. 2024.

Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Departamento de Educação. *Campus XII*. Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia. Núcleo Docente Estruturante. **Projeto de Renovação de Reconhecimento de Graduação em Pedagogia**. Guanambi, Ba, 2023.

Universidade do Estado da Bahia. UNEB, 2025. Disponível em: <https://portal.uneb.br/>. Acesso em: 01 de mai, 2025.

VARGAS, Hustana Maria; PAULA, Maria de Fátima Costa de. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. Avaliação: **Revista da Avaliação da Educação Superior**, v.18, p. 459-485, 2013. Disponível em: Acesso em: 03 mai. 2024.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XII – GUANAMBI
NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO – NUPE**

QUESTIONÁRIO APLICADO EM 2025

Caro/a, graduando/a,

Este questionário é a segunda medida de uma pesquisa sobre trajetórias educacionais e expectativas de futuro de jovens graduandos. Nós estamos particularmente interessados em analisar as trajetórias dos jovens estudantes trabalhadores durante os dois primeiros anos de graduação no curso de Pedagogia Noturno. Temos certeza de que, ao concordar em participar, você contribuirá para que nossos resultados sejam muito mais confiáveis e seguros. Nenhuma informação será divulgada sem prévia autorização.

Obrigada por sua colaboração!

Tamiris Cardoso Gomes

Profa. Dra. Anna Donato Gomes Teixeira

Nome:

Nome que gostaria de ter registrado na pesquisa:

Idade em 31/12/2024:

1. Qual a quantidade de horas trabalhadas por dia?

2 horas

4 horas

6 horas

8 horas

Mais de 8 horas

2. Qual valor do salário que você recebe

Menos de 1 salário mínimo

1 salário mínimo

2 salários mínimos

Mais de 2 salários mínimos

3. Qual o motivo de você trabalhar?

Independência financeira

Manter os estudos

Outros motivos. Qual(is)

4. Qual a função que você desenvolve no local de trabalho? Você se identifica com esta função?

5. Já pensou em desistir do curso por conta do trabalho? E por que não desistiu?

6. Quais as vantagens e as desvantagens em trabalhar e estudar ao mesmo tempo?

7. Qual o significado do trabalho em sua vida

8. Descreva uma situação que você viveu em que teve dificuldade em conciliar trabalho e estudo e o que fez para vencer a dificuldade?

9. Que tipo de apoio e/ou orientação você recebeu durante a sua trajetória na universidade para conciliar trabalho e estudo? (direção, docentes, colegas, colegiado, secretaria acadêmica etc)
10. Há alguma dificuldade em participar das atividades desenvolvidas (Eventos, editais de bolsas) pela universidade estando trabalhando? Justifique.
11. De que maneira a universidade pode auxiliar nas dificuldades enfrentadas para conciliar o trabalho e o estudo?
12. Quais são as suas preocupações para os próximos semestres em relação ao trabalho e ao estudo?
13. Quais as suas expectativas após a conclusão do curso de graduação?